

PRISIONEIRO

B-3087

Título original: Prisoner B-3087

Título da edição brasileira: Prisioneiro B-3087

Copyright © 2013 by Alan Gratz, Jack Gruener, Ruth Gruener. All rights reserved. Published by arrangement with Scholastic Inc., 557 Broadway, New York, NY 10012, USA.

Este livro foi negociado por Ute Körner Literary Agent, S. L., Barcelona – www.uklitag.com

Gerente editorial	Fabricao Waltrick
Editora	Lígia Azevedo
Editora assistente	Carla Bitelli
Preparadora	Flávia Yacubian
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Cátia de Almeida, Nancy Helena Dias

ARTE

Projeto gráfico de capa	Retina78, Thatiana Kalaes
Projeto gráfico de miolo	Soraia Scarpa, Thatiana Kalaes
Coordenadora de arte	Soraia Scarpa
Assistente de arte	Thatiana Kalaes
Estagiária	Izabela Zucarelli
Diagramação	Marcos Puntel
Tratamento de imagem	Cesar Wolf, Fernanda Crevin
Pesquisa iconográfica	Silvio Klugin (coord.), Josiane Laurentino

Crédito das imagens de capa Prisioneira: Reprodução/site Marian Glówka/I. Pajak, Habitantes da Silésia, Podbeskidzia, Zagłębie Dabrowskiego em Auschwitz. Katowice, 1998, p.521; Entrada de Auschwitz: Serge Attal/Syigma/Corbis/Latinstock; Alan Gratz: acervo pessoal; Ruth e Jack Gruener: acervo pessoal

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G81p

Gratz, Alan, 1972-
Prisioneiro B-3087 / Alan Gratz ; tradução Anthony Cleaver. – 1.ed. – São Paulo: Ática, 2013.
184p. – (Vasto Mundo)

Tradução de: Prisoner B-3087
ISBN 978-85-08-16481-3

1. Gruener, Jack 2. Guerra Mundial, 1939-1945 3. Crianças judias no Holocausto – Polónia 4. Holocausto judeu (1939-1945) 5. Literatura infantojuvenil americana I. Título. II. Série.

13-00424 CDD: 940.5318
CDU: 94(100)'1939/1945'

ISBN 978 85 08 16481-3 (aluno)
ISBN 978 85 08 16482-0 (professor)
Código da obra CL 738404 / CAE 275151

2017

1ª edição

5ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2013
Avenida das Nações Unidas, 7221 — CEP 05425-902 — São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 — atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



ALAN GRATZ

PRISIONEIRO
B-3087

baseado na vida de
RUTH E JACK GRUENER

Tradução
Anthony Cleaver



editora ática

Para Jack, que sobreviveu.

~~PARA 1.~~

SUMÁRIO

Cracóvia, Polônia (1939-1942)	9
Campo de concentração de Plaszóvia (1942-1943)	47
Mina de sal de Wieliczka (1943-1944)	71
Campo de concentração de Trzebinia (1944)	79
Campo de concentração de Birkenau (1944-1945)	91
Campo de concentração de Auschwitz (1945)	105
Marcha da morte (1945)	119
Campo de concentração de Sachsenhausen (1945)	131
Campo de concentração de Bergen-Belsen (1945)	137
Campo de concentração de Buchenwald (1945)	143
Campo de concentração de Gross-Rosen (1945)	149
Marcha da morte (1945)	155
Campo de concentração de Dachau (1945)	167
Munique (1945)	173
Posfácio	181

CRACÓVIA, POLÔNIA
1939-1942

CAPÍTULO 1

Se eu soubesse como seriam os próximos seis anos de minha vida, teria comido mais.

Eu não teria reclamado por ter de escovar os dentes, ou tomar banho, ou ir para a cama às oito horas todas as noites. Eu teria brincado mais, me divertido mais. Eu teria abraçado meus pais e dito a eles que os amava.

Mas eu tinha apenas 10 anos e não fazia a menor ideia do pesadelo que se aproximava. Nenhum de nós fazia. Era começo de setembro, e estávamos todos sentados em volta da grande mesa na sala de jantar do apartamento da minha família, na rua Krakusa, comendo, bebendo e conversando: meus pais, meus tios, meus primos e eu, Jakob — embora todos me chamassem de Yanek, meu nome polonês.

— “Os judeus devem desaparecer da Europa.” Foi isso que Hitler disse — declarou meu tio Moshe, servindo-se de mais doce. — Ele não poderia ter sido mais claro.

Senti um frio na espinha. Eu já ouvira pelo rádio os discursos de Hitler, o *Führer* alemão. *Führer* significa “líder” em alemão, e era assim que os alemães chamavam seu presidente. Ele vivia mencionando a “ameaça judaica”, dizendo que a Alemanha e o restante da Europa deveriam ser uma região “livre de judeus”. Eu era judeu, morava na Europa e não queria desaparecer. Eu amava minha casa e minha cidade.

— Os britânicos e franceses já declararam guerra a ele — disse meu pai. — E logo terão a ajuda dos americanos. Eles não deixarão a Alemanha varrer toda a Europa.

— Ele já anexou a Áustria e a Tchecoslováquia — disse meu tio Abraham. — E agora invade a Polônia!

Meu pai tomou um gole de café.

— Pode escrever: essa guerra não dura mais que seis meses.

Meus tios contestaram, mas ele era meu pai, e eu acreditava nele.

— Chega de política — pediu minha mãe. Ela se levantou para tirar a mesa, ajudada por minhas tias, e continuou: — Yanek, que tal montar um show para nós? Ele construiu seu próprio projetor.

Fui correndo buscá-lo no meu quarto. Não era um projetor de filmes igual aos usados no cinema, mas um projetor de slides que eu mesmo havia montado. Fixei uma lâmpada em uma tábua e na frente positionei placas de madeira com lentes de aumento. Eu podia projetar imagens na parede ou fazer teatro de sombras. Meus primos me ajudaram a pendurar um lençol branco no vão da porta da sala de estar. Quando todos estavam sentados, conectei o projetor na tomada e liguei o rádio. Eu gostava de ter um acompanhamento musical, como as trilhas sonoras de filmes. Quando o rádio aqueceu, achei uma canção de Count Basie perfeita para a ocasião e iniciei meu espetáculo.

Usando imagens de caubóis, índios, diligências e cavalos, recortadas em cartolina e coladas a palitos de madeira, projetei um teatro de sombras sobre um xerife do Velho Oeste americano que tinha de proteger sua cidade de bandidos. Meus filmes prediletos eram os faroestes de John Wayne, e combinei as melhores partes do cinema dele numa única história. Meus familiares riam e aplaudiam, interagindo com os personagens como se fossem pessoas reais. Eles adoravam meus espetáculos, e eu adorava entretê-los com esses shows. Nada me orgulhava mais do que fazer meu pai rir!

Quem sabe, algum dia, eu iria aos Estados Unidos para trabalhar com cinema. Tia Gizela costumava esfregar minha cabeleira ondulada e dizer:

— Você parece um astro de cinema, Yanek, com seus cabelos castanhos e seus olhos grandes.

Eu estava quase na parte em que o líder da quadrilha roubava o banco e enfrentava o herói em um duelo quando a canção da rádio foi subitamente interrompida. Achei que o tubo de vácuo do aparelho tivesse queimado, mas, em seguida, ouvimos a voz de um homem.

— Senhoras e senhores, interrompemos nossa transmissão para anunciar que o exército alemão chegou à cidade de Cracóvia.

— Não! — exclamou meu pai.

— Já? — disse tio Moshe. — Só se passaram seis dias. Onde está o exército polonês?

Eu saí de trás do lençol para ouvir. O locutor da rádio falava sobre a retirada das forças polonesas para Lodz e Varsóvia quando ouvimos um enorme estrondo, BUM!, e as xícaras de chá de minha mãe tremeram sobre os pires. Meus primos e eu corremos para a janela. Lá fora, uma fumaça preta subia em espiral sobre os telhados de Podgórze, nosso bairro. Alguém gritou na rua ao lado, e os sinos da Catedral de Wawel soaram o alarme.

Era tarde demais. Os alemães já tinham chegado. Se eu soubesse então o que sei agora, teria corrido. Não teria parado para fazer uma mala, despedir-me dos amigos ou mesmo desligar meu projetor. Nenhum de nós teria. Teríamos fugido para o bosque nos arredores da cidade sem nunca olhar para trás.

Mas não fugimos. Ficamos ali, no apartamento de minha família, ouvindo a rádio e vendo o céu sobre Cracóvia escurecer enquanto os alemães vinham para nos matar.

CAPÍTULO 2

As ruas de Cracóvia encheram-se de soldados alemães. Com seus elegantes uniformes cinza, marchavam com as pernas rígidas, jogando-as para cima à maneira de um pato. Era cômico, mas ao mesmo tempo sinistro. Inúmeros homens, todos marchando a um só passo, com seus lustrosos capacetes verdes e botas pretas polidas brilhando ao sol. Cada soldado vestia um sobretudo e levava uma mochila às costas, e eles carregavam rifles sobre os ombros e baionetas na cintura.

Senti-me pequeno com meu modesto conjunto de lã azul e meu boné marrom simples.

Havia tanques também, que eles chamavam de *Panzers*. Eram veículos enormes e ruidosos, com esteiras que estalavam e canhões girando em cima.

Saímos à rua para observar. Todos nós: homens, mulheres e crianças, poloneses e judeus. Das esquinas, observamos os alemães marchando por nossa cidade. Nem toda a Polônia havia caído, segundo a rádio: Varsóvia ainda resistia, assim como Brzesc, Siedlce e Lodz. Mas naquele momento estávamos sob o domínio dos alemães, até que nossos aliados britânicos e franceses chegassem para expulsá-los.

— Não será tão ruim assim com os nazistas aqui — disse uma velha senhora polonesa ao meu lado enquanto eu os observava. — Eu me lembro dos alemães na Grande Guerra. Eram muito simpáticos.

Mas ela, é claro, podia dizer isso. Ela não era judia.

Nas semanas seguintes, tentamos levar a vida como se nada tivesse mudado, como se não tivéssemos sido conquistados por um exército invasor. Eu ia à escola todos os dias; meu pai, meus tios e meus primos ainda iam trabalhar; minha mãe ainda fazia compras. Mas as coisas começavam a mudar. Na escola, os garotos poloneses não jogavam mais futebol comigo, e nenhum polonês nem alemão comprava sapatos na loja de meu pai. Além disso, a comida ficou escassa e mais cara.

Então, certa manhã, eu fui até a escola e descobri que as aulas tinham sido suspensas. Para sempre, disseram-me. Não havia mais escola para judeus. As outras crianças comemoraram, mas eu fiquei decepcionado. Eu adorava ler. Gostava de qualquer tipo de livro, mas especialmente dos que falavam dos Estados Unidos e de médicos e medicina.

Vaguei pelas ruas, observando os soldados alemães e seus tanques, as filas de pão que dobravam as esquinas. O inverno aproximava-se, e os homens e mulheres na fila apertavam seus casacos em volta do corpo e batiam os pés no chão para se aquecer. Chegando em casa, na hora do almoço, me surpreendi ao ver meu pai ali. Ele geralmente almoçava no trabalho. Tio Moshe estava à mesa, ao lado dele. Minha mãe veio da cozinha, preocupada comigo.

— Você está doente, Yanek?

Ela levou a mão à minha testa e perguntou:

— Por que voltou tão cedo da escola?

— Está fechada — contei, sentindo-me deprimido. — Fechada para judeus.

— Estão vendo? Estão vendo? — disse tio Moshe. Virou-se para meu pai, exaltado. — Primeiro, fecham as escolas. Depois, será sua loja de sapatos. Minha loja de peles! E por que não? Ninguém comprará nada de nós com os soldados alemães dizendo às pessoas: “Não comprem de judeus”.

— Mas se fecharem a loja de sapatos, como você ganhará dinheiro? — perguntei a meu pai.

— Os judeus não podem mais ganhar dinheiro! — respondeu Moshe. — Agora temos cupons de racionamento para trocar por comida. Tudo marcado com um J, de “judeu”.

— Isso passará — disse meu pai. — Dificultarão nossa vida durante algum tempo e depois a situação voltará ao normal. É sempre assim. Basta ficarmos de cabeça baixa.

— Sim — concordou Moshe, batendo o dedo no jornal aberto entre ele e meu pai. — Os judeus devem abaixar a cabeça e não encarar os alemães de frente. Não podemos falar, a menos que nos dirijam a palavra. Não podemos caminhar pelas ruas principais de nossa própria cidade. Não podemos frequentar os parques, as piscinas públicas, as bibliotecas, os cinemas!

Os judeus não podiam ir ao cinema? Não! Eu adorava o cinema. Nem à biblioteca? Onde eu conseguiria livros para ler, já que também não podia ir à escola? Corri para perto de Moshe para ver do que se tratava. Ali, no jornal, estavam publicadas as “Novas regras para judeus”. Senti um aperto no coração. Era verdade: nada de parques, bibliotecas ou cinemas. E haveria um toque de recolher para todos os judeus, jovens e velhos. Tínhamos de ficar fechados em casa, fora das ruas, a partir das nove horas da noite.

— E braçadeiras! Braçadeiras com a estrela de Davi! — continuou tio Moshe. — Estão nos marcando. Somos iguais ao gado marcado a ferro nos filmes americanos de que Yanek tanto gosta! Logo levarão todo o nosso dinheiro! Diga ao seu marido, Mina.

— O que você quer que a gente faça, Moshe? — questionou minha mãe, repousando as mãos sobre os ombros de meu pai. — Não temos dinheiro para sair daqui. E, mesmo que tivéssemos, para onde iríamos?

Meu pai segurou a mão de minha mãe sobre seu ombro.

— Não podemos perder a fé, Moshe.

— Veremos se será fácil manter a fé quando os nazistas a levarem junto com todo o resto — retrucou Moshe.

Meu pai sorriu.

— Deixe que levem tudo. O que importa é quem somos, e isso eles não podem tirar de nós.

Sentei-me à mesa para comer. Minha mãe trouxe uma pequena terrina com sopa de tomate, um pedaço de pão e um naco de queijo.

— Só isso? — perguntei.

— É o racionamento. Todas as mercearias estão fechadas — respondeu minha mãe.

— É suficiente — disse meu pai. — Estávamos mal-acostumados antes.

Eu não me achava mal-acostumado, mas não disse nada. Só não gostei de perder meu almoço para os alemães.



Naquela noite, várias horas depois do toque de recolher, fomos acordados por gritos de “Fogo!”.

Corri para fora do quarto, assustado.

— O que foi? — gritei, ao ver meus pais na sala. — O fogo é no nosso prédio? O que fazemos?

— Não — respondeu meu pai. — É na sinagoga.

A sinagoga era o local onde observávamos o sabá e onde eu estudava para meu *bar-mitzvá*. Debrucei-me na janela e a vi no fim da rua, envolta em chamas. Meu pai vestiu rapidamente o casaco sobre o pijama para sair e ajudar a apagar o fogo, mas um estampido alto vindo da calçada nos levou à janela novamente. Um homem, vestindo casaco e pijama como meu pai, jazia morto no meio da rua. Por baixo dele, espalhava-se uma poça escura, cintilando à luz dos postes de iluminação. Ao lado, em pé, havia um oficial alemão com a pistola ainda apontada para o homem morto.

— Pelas novas regras, qualquer judeu encontrado fora de casa depois do toque de recolher será sumariamente executado! — berrou o oficial.

Meu pai ficou parado na sala, fitando a porta. Minha mãe colocou uma mão sobre seu peito e depois encostou a cabeça na dele. Após alguns minutos de comunicação silenciosa, meu pai tirou o casaco e me mandou voltar para a cama.